



O pior tipo de

HIPOCRITA

Conto e Ilustração por Arthur Tribuzi

O Pior Tipo de Hipócrita

Um prato convencional de comida na mesa, carne bovina, uma das variedades de carnes mais consumidas na Europa, nas Américas e na Austrália, em 2012 a estimativa de bovinos abatidos foi de 233,53 milhões de cabeças em todo o mundo. Uma sala de jantar esquecida pela vaidade, apenas uma mesa velha com uma cadeira, geladeira e fogão, e no centro da mesa, no cerne de toda refeição, reflexão, devaneios, está a foto dela, uma bela e inofensiva garotinha no auge da inocência de seus sete anos, tão meiga e pura quanto morta pela injustiça que rege o universo, que coloca tudo e todos desconfortavelmente em seus lugares. Ali, descendo o abismo melancólico de cada dia, um homem sentado, devora sua refeição apreciando o salgado sabor da tristeza.

“Ela era muito nova para morrer! Malditos...”

Dois anos atrás, dois homens foram mortos em uma estrada afastada da cidade, um caso de assassinato peculiar, os corpos estavam com pouco sangue e nenhum sinal de ferimento grave.

Dois policiais de estrada foram interrogados, eles estavam perto da cena do crime, nada de muito importante foi tirado deles quanto ao assassino, que até hoje permanece desconhecido, apenas sobre uma possível criança que eles pensaram ter avistado, e quando foram investigar não havia nada senão os dois corpos mortos.

Uma garotinha que, não contentes em “morder” devem a ter levado para seu esconderijo macabro, e ele poderia apenas imaginar o que ele teria feito a ela.

Grant Nunca pôde sequer ver o rosto pálido e inerte de sua filha, toca-la uma última vez para que seu espírito pudesse aceitar, e foi assim que ele jurou subjugar todos os sanguessugas até que chegasse sua vez de ser subjugado.

E quando termina sua refeição temperada com lágrimas e fúria, o telefone toca, “deve ser da central, devem ter encontrado outro miserável para morrer hoje” ele levanta com sangue nos olhos, e resto de comida nos dentes, já não havia amigos ou familiares para receber ligações, ele havia se isolado da sociedade, dedicando sua vida a caçada. E a voz de Keira Bennett, uma das únicas coisas doces e confortáveis que ele ainda sentia:

- Oi Grant, como você está?

- Do mesmo jeito de sempre, obrigado, o que você tem para mim hoje? Eu acabei de comer, mas ainda estou com fome – um leve e sombrio sorriso encarava o telefone, outra coisa que ele ainda sentia prazer era exterminar os malditos sanguessuga.

- Eu acho que você vai gostar da notícia então, nós rastreamos um morceguinho agora a pouco, é um bem rico que se passa por um empresário, dono de uma fábrica de biscoitos, nós também hackeamos o sistema de segurança dele, não tem nenhum guarda na mansão, no máximo um ou dois empregados, sabe como são esses vampiros e suas porcarias, eles certamente não querem ninguém por perto. Infelizmente você vai ter que ir sozinho nessa, os outros agentes já estão ocupados com outras coisas bem importantes.

- Ok, eu não ligo em ir só, apenas passe as informações para o meu celular, que já estou indo agora mesmo.

- Está bem, acaba com esse riquinho filho de uma morcega! Boa sorte.

- Quando terminar eu ligo para você mandar fazer a limpeza, até mais.

“Mais um vampiro infame entrou na minha mira, já estava na hora” e o caçador sedento por sangue se prepara para mais uma noite de caça, veste sua roupa, uma calça jeans moderadamente antiga, uma camisa qualquer, ele nem faz questão de saber se há ou não algo escrito ou ilustrado, um sobretudo, para combater o

frio e esconder o arsenal; duas pistolas, vários pentes de bala e uma granada caso algo dê errado. Sai de sua casa em um bairro de periferia qualquer, sobe na moto e parte para a estrada, contando as milhas para mais um confronto.

“Essa cidade vivendo cega, pessoas andam pelas ruas sem saber que uma besta terrível as espreita, uma criatura fria e sem sentimento, voando pelo mundo dos homens, se alimentado do rio que nutre a nossa vida. Ingênuos a pensar que nós humanos, somos nossa única ameaça, tanto ódio e tanta dor, nunca vou perdoar esses malditos que mataram minha filha, vou segui-los até o inferno, mesmo que minha alma queime para sempre. Os carros passam por mim, assim como o vento e a vida dessa cidade noturna, já não parece que estou aqui, mal consigo respirar o ar e pensar que estou vivo, se passaram dois anos... Eu não tenho medo de lutar contra essas criaturas infernais, mesmo só, e a verdade é que às vezes eu não me importo realmente em vencer, eu quero apenas me juntar a ela, e acabar esse sofrimento. É por isso que eu não tenho medo, o verdadeiro motivo, que patético, eu não passo de um covarde”.

Após alguns quilômetros Grant chega a uma mansão bonita e isolada, um lugar típico para um vampiro morar, não precisa se preocupar com a vizinhança atrapalhando suas refeições, e pode aproveitar sua carnificina e luxúria, ou a simples tranquilidade da chuva que bate no vidro da janela pela noite, tão forte quanto suave, deslizando pela superfície fina tal qual o sangue bem fresco em uma cristalina taça de vinho. Grant sem hesitar encosta sua moto, e avança para o portão, basta um empurrão para abrir a porta elétrica, sem que o alarme jamais perceba que ele passou por ali, e vai adentrando a mansão passando pelo tranquilo e frio jardim, tão belo, prestes a ser manchado pela incessante vontade de vingança. Grant mal havia alcançado a porta principal e o lugar já estava exalando sua fúria. Alguém deixaria de existir naquela noite, quem seria pouco importava para ele.

Grant entra na casa estranhamente silenciosa, nenhum sinal de vida no local, ele sobe as escada encarando a parede, uma decoração digna de um grande hotel; antes de perder a vista do primeiro piso contempla um bonsai decorativo em uma mesa perto da escada, uma planta pequena que não cresceria como as outras, um bonsai que nunca chegará ao seu tamanho real, destinado a ser apenas uma decoração em uma mesa, assim como a foto de sua filha. Ele chega à frente de uma porta que parece ser a entrada para um escritório, ou salão, dessa vez ele hesita, mas não por muito tempo, e quando abre a porta avista de cara um homem que aparenta estar em seus maduros quarenta e poucos anos, e atrás dele uma mulher muito atraente; cabelos longos e negros, tão escuros quanto seus olhos frios e mortais, ela agarra o homem com sua boca perto ao pescoço, pronta para atacar, Grant imediatamente saca sua arma, aponta para a cabeça da vampira e algo que ele não esperava acontece, algo novo que ele certamente não viu chegando.

“Mais que porra é essa! Não posso me mexer! Droga! Merda! Inferno! Eu não sinto nada me segurando ainda assim não posso fazer nada, mas... Tem algo de estranho, por que ela não o mordeu ainda? Que merda que essa vampira desgraçada deve estar planejando? Puta merda, eu não sabia que eles podiam fazer isso, ela está olhando pra mim, e também não faz nada, o velho também está paralisado, parece que o tempo parou, ela faz questão que eu a veja matando esse homem, sem que eu possa fazer nada, PUTA MALDITA! Morde logo ele, me mata também ACABA COM ISSO DE UMA VEZ!”

E a vampira finalmente, depois de alguns excruciantes segundos, morde o pescoço do homem em seus braços, que grita e tenta lutar pela vida, mas parece uma criança sem força e desarmada nas mãos de um adulto mal-intencionado, nada pode fazer senão sofrer até que seu sangue se esvaia de seu corpo, uma morte lenta e agonizante. Grant abismado com a cena, pensa já suando

de tanta aflição “ela... está fazendo isso, bem lentamente, parece que quer que ele sofra, e que eu veja, mas que inferno ESSA DESGRAÇADA QUER? PARA COM ISSO! MERDA! ”

Dentro de sua mente ele grita enquanto assiste a vampira drenar até o último suspiro a vida daquele em sua frente, mas nem sequer um ruído se espalha pelo espaço e o tempo onde eles se encontram. Depois de alguns poucos minutos que duraram uma eternidade para Grant, e certamente para a preza, ela larga o corpo e ele cai no chão sem a menor resistência, sem uma gota de sangue, tão morto quanto vazio, e lentamente, ela se aproxima de Grant, seu andar sedutor e assustador aterroriza sua mente.

“Ela... Está se aproximando... o que será que vai fazer? Droga, não posso me mexer, mais que merda, maldição! Finalmente chegou meu fim, tudo o que eu tenho que fazer é esperar, e suportar seja lá o que ela pretende fazer, é isso aí, eu não tenho medo, EU NÃO TENHO MEDO, PODE VIR SUA MORCEGA VADIA MISERÁVEL! Eu estou pronto! ” E ela para bem na sua frente; ela é mais baixa que Grant e fica ali, com sua cabeça na direção da pistola, e quando sua testa encosta no cano da arma, ambos frios e sem vida, ela abre a boca e de seus lábios e língua banhados em sangue, ela fala.

- Você... é o pior tipo de hipócrita...

Grant se espanta com tal frase, ele não esperava por algo assim e sem entender ele fica ali, perplexo, esperando o que viria a seguir. A vampira olha em seus olhos, bem no fundo de sua alma e começa seu discurso.

- Dois anos atrás, dois homens foram mortos em uma estrada afastada da cidade, um caso de assassinato peculiar, os corpos estavam com pouco sangue e nenhum sinal de ferimento grave, dois policiais de estrada foram interrogados, eles estavam perto da cena do crime, nada de muito importante foi tirado deles quanto ao assassino, que até hoje permanece desconhecido, ape-

nas sobre uma possível criança que eles pensaram ter avistado, e quando foram investigar não havia nada senão os dois corpos mortos – ela começa a andar em direção de uma mesa, e pega um álbum de fotos que estava ali, leva o álbum até Grant e coloca em sua frente, logo acima da arma; nele está uma foto de sua filha em uma forma que Grant nunca havia visto antes, parecia estar levemente mais velha do que a última vez que ele havia a visto, ela está sem roupas e amarrada a uma cama, com ferimentos abertos que ensanguentava a colcha da cama, A vampira larga o álbum e ele cai no chão, Grant fica em choque, ele não podia acreditar que aquilo era real, lágrimas de uma tristeza bem mais profunda, mais até do que do dia em que soube que sua filha havia falecido, inundam seu rosto, sua mente entra em colapso, mas novamente algo inexplicável acontece, ele permanece são, e bem atento naquele momento, ainda havia algo que ele precisava ouvir.

Ela lentamente se afasta de Grant, e vai em direção à janela de vidro, coloca sua mão no vidro e continua.

- Dois homens saíram na noite daquele dia, com intenções quase tão ruins quanto o sangue desprezível impregnado em meus lábios, eles avistam uma garotinha na calçada, despreocupada olhando a luz dos prédios, tão belos que a haviam capturado e hipnotizado, subitamente aqueles dois homens param o carro perto dela, um deles desce do carro e com um taco de baseball acerta a garota na nuca, foi tão rápido e ela estava tão tranquila que nem sequer percebeu o que havia acontecido, ele coloca ela na mala do carro e os dois partem para a estrada a toda velocidade, eles pretendiam levar a garota para um lugar afastado, abusar de seu corpo até que os próprios corpos deles não aguentassem mais e a enterrar ainda viva. Nessa mesma noite um vampiro jovem havia saído de seu esconderijo, decidido a se alimentar, ele avista de longe o carro dos dois, em uma estrada já razoavelmente longe da cidade, ele coloca alguns pregos na estrada para

furar o pneu do carro, o que eventualmente funciona e um pouco mais a frente o carro para, os dois descem para trocar o pneu e continuar sua jornada ao sadismo quando são surpreendidos pelo vampiro. Ele se aproxima lentamente e começa a agredir um dos dois a socos e chutes, o outro corre pra pegar o taco no carro e quando vai atacar, o vampiro toma o taco dele e termina de nocautear os dois. Depois de alimentado deixa os corpos em um mato a beira da estrada, e vai até o carro pra ver se conseguia pegar algum dinheiro e descobre uma menina desacordada no porta malas, ele poderia se alimentar dela e passar um bom tempo despreocupado, ou até mesmo a levar como rebanho para os dias seguintes, mas não, uma garotinha tão bonita e inocente, “ela era muito nova para morrer” ele pensou, e a deixou perto a um carro de polícia que avistou mais a frente, e fugiu tão pensativo na garotinha que esqueceu dos corpos que havia deixado a beira da estrada, depois de algumas horas um dos guardas do carro avistou o corpo da garotinha. “Fazer o que? Você tá ficando louco?” foi o que um dos guaras disse quando o outro lhe fez uma proposta, envolvendo a garotinha e uma coisa que acalenta o coração de qualquer homem, dinheiro, “Cara, essa menininha aqui no meio do nada, é a nossa chance de ficar estribado! Um dos caras lá do QG me falou que tem um cara aqui nessa cidade que compra garotinhas, ele mesmo disse que já tinha vendido umas filhas de bandido para ele, e ele falou que quanto mais bonita mais caro, essa aqui vai ser fácil de dar um sumiço, sei lá, a gente dá um jeito, ela já tá no meio do mato mesmo...”. Dinheiro convence qualquer um e eles não demoraram para negociar com um rico empresário, dono de uma fábrica de biscoito – a vampira vira a cabeça e olha para o corpo largado na frente de Grant, – Este homem que está bem na sua frente, que eu fiz questão de matar lentamente diante de ti, já que entrou nessa casa com mais sede por vingança que eu por sangue, os guardas foram cobertos pela influência desse miserável e inventaram a história da garotinha pois sabiam que a investigação ia levar a uma garotinha, e

assim a informação falsa deles sobre o ocorrido seria o mais próximo da verdade possível. Este homem é um sádico que compra garotas com sua fortuna, as prende em um quarto e faz tudo que você pode imaginar ou ver nos filmes de terror e suspense mais terríveis, e depois que elas já estão com a mente completamente destruída, depois que não gemem e nem gritam mais de dor, quando “perdem a graça” ele as mata, e come o que resta de suas carnes meramente para limpar pistas. Nesse álbum está a foto do que ele faz com elas, para lembrar depois e até se masturbar vendo as atrocidades e abusos que ele já fez. – As glândulas lacrimais dela sentem à vontade de expressar sua tristeza, e seu sangue frio e sobrenatural cria lágrimas que escorrem em seu rosto, – eu só descobri isso há pouco tempo, depois que a sua filha já estava morta.

Grant já em um estado psicológico totalmente em colapso, não sabe o que fazer e não consegue sequer pensar, já passou da depressão e alcançou a apatia. Apenas observa ela se aproximar dele, com lágrimas nos olhos e uma expressão de tristeza e ira.

– Vocês caçadores de vampiros... São o pior tipo de hipócritas, se julgam santos e querem exterminar os vampiros, o mal do mundo, vocês humanos imundos matam abusivamente milhões de animais no mundo inteiro para se alimentarem, para se nutrirem da carne dos outros ou por mero prazer, vocês, a espécie superior, subjagam os outros animais julgados inferiores e se lambuzam em matança e comilança. Nós vampiros somos os primeiros na cadeia alimentar, somos os seres mais evoluídos, não perecemos ao tempo, nossas células não necessitam de oxigênio, e nem mesmo precisamos delas para perceber o mundo de forma bem mais aguçada que vocês humanos, nos alimentamos de vocês, então me diga, qual é a diferença entre nós? O que fazemos não é exatamente o que vocês fazem? Existem aqueles que fumam e andam por ai lhe dizendo para não fumar, existem aqueles que bebem e andam por ai dizendo para você não beber,

estes são hipócritas drogados, mas não se comparam a vocês caçadores, vocês são definitivamente o pior tipo de hipócritas. O verdadeiro mal desse mundo são vocês mesmos, humanos, que matam e fazem coisas bem piores que isso com outros da própria espécie, não por sobrevivência, não por necessidade, mas por puro prazer, fazem isso todos os dias, subindo uns nas costas dos outros nessa escada tortuosa e pútrida, capitalista – ela se posiciona novamente a frente de Grant, com sua testa encostada no cano da arma. – Vai, faça o que você veio fazer, já terminei minha história.

Grant percebe que seus movimentos voltaram, ele pode novamente se mover, segurar a arma, apertar o gatilho, ele está totalmente em choque, sua mão não treme e seu coração já não tem vontade de bater, ele tira a arma da cabeça dela e olha pra escrivadinha de madeira e lembra da sua casa, da sua sala, da sua mesa, da sua filha no retrato, sua visão volta para a arma e ele muda a direção do cano e aponta para a própria cabeça, seus olhos fixos olham para frente, abertos e imóveis, como se já estivessem mortos, não é hesitação, nem pressa, ele olha o rosto da vampira na sua frente, seus olhos escuros e sem vida, seus lábios vermelhos ensanguentados, sua pele lisa e macia, pálida e fria, cabelos negros e compridos, seu rosto molhado de lágrimas... “olhando assim de perto, até que ela é bem bonita” e assim como em noites de chuva, o som do tiro invade a sala.

O corpo de Grant cai aos pés de Leneth, ela se abaixa e pega o álbum. De sua mão nasce um fogo sobrenatural, que não brilha tanto quanto deveria, um fogo em um tom azul bem forte queima o álbum até não sobrar nem sequer as cinzas, então ela se aproxima do corpo de Grant, corta o próprio pulso com o canino afiado, e deixa o sangue escorrer nos seus braços, controlando o sangue como se fosse um hipnotizador numa dança de serpentes, e o guia até dentro da boca de Grant, alguns instantes e alguns litros de sangue depois os olhos de Grant se abrem, ele tenta res-

pirar, mas uma sensação estranha enche seus pulmões, ele sente o chão da sala, sabe que está frio, mas isso não o afeta, seu corpo se move com uma leveza confortável e uma tranquilidade invade suas veias jamais sentida em aproximadamente dois anos, ele olha para ela sentada ao seu lado.

- O que você fez? Por que ainda estou vivo? Ou não, não me sinto vivo, é diferente, você me transformou? Mas... eu não quero ser um vampiro, não quero viver novamente - olhando para suas mãos ele se altera um pouco - Eu não pedi para que me desse a vida novamente!

- Eu não lhe dei vida, não sei se está lembrado, mas você tem uma arma na sua mão com várias balas sobrando, o que eu lhe dei foi uma escolha, você pode puxar novamente o gatilho e descansar para sempre, pôr um fim de uma vez por todas na sua vida de caçador. - enquanto fala, ela levanta e novamente vai à janela, e coloca novamente a mão no vidro, dessa vez ensanguentada de seu próprio sangue, olha para o céu, as nuvens, as estrelas, o infinito universo - ou pode levantar e começar uma nova jornada, continuar a caçar o mal que existe nesse mundo, e tentar trazer mesmo que um breve e singelo momento de paz a quem merece, e se juntar a mim, eu caço assim como você, com sangue nos olhos e tristeza na alma mal posso esperar pela morte do meu próximo alvo, eu sou uma caçadora assim como você, mas eu caço os verdadeiros monstros, eu caço humanos.



www.r2pg.com.br

Autor: Arthur Tribuzi

Arte da capa: Arthur Tribuzi

Projeto editorial: Angelo Moreira

Editor: Raul Tribuzi

Publicado e distribuído por: R2PG

2018 – Todos os direitos reservados.

Distribuição gratuita.